

*Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase (...)  
Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
(Drummond)*

## **Um corpo extremo no asfalto morto**

A *performance* de Carol Botura rompeu violentamente a planura do mal gosto e da hipocrisia cívica, como a flor no asfalto de Drummond. Aliás, que asfalto! Um asfalto de ouro quase “impisável” de tão ilustre a pavimentar as ruas de um dos bairros mais caros da cidade de São Paulo: Vila Nova Conceição - localizado na Zona Sul no distrito de Moema.

Carol performou seu corpo no asfalto da nobreza, no rosto *fake* e feio do privilégio, apontou “o tédio sobre a cidade”, sobre o bairro. Lá, o metro quadrado chega a R\$ 9.500, coberturas chegam aos 22 milhões. Vila Nova tem em seu currículo moradores prestigiadíssimos pela elite paulistana.

Nesse asfalto, Carol repousou seu corpo no tempo que lhe coube e girou com força o tecido prata, feito hélice de propulsão. No asfalto anestesiado deu vôo a seu próprio corpo que daquele lugar extrapolava livre.

Enquanto performava, carros tiveram de parar. Inquietos, desconcertados, absorvidos pela incógnita experiência, furiosos de si mesmos, odiosos pois que aquela arte lhes era incompreensível e lhes atrapalhava o costumeiro trajeto VIP. Essa foi a melhor parte: a constatação do notório mal-estar, inclusive daqueles que se autoproclamavam a dianteira da experimentação estética.

De fato, nem todos se abrem para fortes sacudidas subjetivas, nem todos têm coragem para se desestruturar.

Ao quebrar dionisíacamente centenas de garrafas de vidro contra as paredes, Carol acordou os moradores do adormecimento fácil da consciência. Rasgou a pobreza ontológica contida numa nota de 100 reais.

Em o *Ridículo Político*, Márcia Tiburi inaugura o debate sobre estética e política. A filósofa abre os olhos para a estética por trás da ética nacional e suas respectivas cenas ridículas : a cafonice do madamismo paulistano; a feiúra da necessidade de status do emergente; as aberrações morais,

cognitivas e estéticas; a vulgaridade do rico brasileiro que atua por distinção numa espécie de silogismo bizarro: “Eu sou o que o outro deixa de ter”.

O sentimento de exclusividade narcísica e de exclusão de outras pessoas em relação à experiência de morar e consumir bem torna Vila Nova Conceição um dos bairros mais higienizadores, excludentes e “esteticamente corretos” ao gosto dos paulistanos. Incluindo os paulistanos quatrocentões que, aliás, são descendentes dos famigerados bandeirantes. Sim, aqueles que enriqueceram destruindo quilombos e escravizando mais de 400 mil indígenas e negros.

Se toda ética carrega uma estética, impossível cerrar os olhos para a imoralidade do processo de “condominização” da cidade e da vida. O espaço público passa a ser invadido pelo privado.

Assim afirma o psicanalista Christian Dunker:

*Quando todos começam a andar de avião, a possuir carros e a se vestir de forma mimeticamente luxuosa, as classes (da elite) que antes se asseguravam de sua condição por meio de tais signos (de distinção) sentem que sua identificação foi parasitada, sentem que há uma degradação de seus signos de gozo. Surge o ressentimento e o ódio, surge o apelo a formas ainda mais exclusivas de viver a vida, sendo o condomínio o símbolo maior dessa exclusividade.*

São eles, os artistas, os faróis do porvir, já diria Freud. São eles que nos convocam a ver a vida para além do concreto asfalto fetichizado.

Carol foi a flor que furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A ela, nosso EVOÉ !

Nathalia Botura Brennecke